Biografia

Araújo, José Plauto, nasceu no Ceará, Brasil em 1958, de um casal nobre. Viajou por vários estados brasileiros, onde fez vários cursos e exerce várias profissões: é pedagogo, coordenador de vigilância sanitária, fiscal ambiental, faz parte do CONDEMA, especialista em admirar a beleza natural feminina, poeta, escritor, professa a fé protestante, exerce o digno cargo de diácono, além de professor é um forte pregador, muito versado nos textos sagrados, amante alucinado da música psicodélica tem um respeito profundo pelas pessoas, mas gosta de apreciar o lado animal de cada um, enquanto saboreia toda beleza que lhe rodeia e isto é o que lhe faz um ente sempre alegre e satisfeito.

Começou sua vida literária ainda adolescente numa vida nômade e inconstante, partindo para o Rio de Janeiro para trabalhar em redes hoteleiras, onde conheceu muitos artistas famosos, entre eles Frank Sinatra, George Watter, etc. Mesmo que iniciara sua vida literária muito cedo, só no ano 2000 é que publicou algumas de suas obras, entre elas: Vozes Mélicas, Luta Interior e O Caminho do Peregrinar.

De sua lavra literária podemos citar 05 livros poéticos, 02 históricos, 01 romance e 03 doutrinários. Em sua trajetória literária foi obrigado por motivos de perseguições, a queimar muitas de suas poesias. O que lamenta pela irreparável perda.

A base de toda prosa e versos de Plauto Araújo apóia-se no profundo sentimento que tem pelos mistérios da vida. Cuja lógica ultrapassa a, da consciência habitual, desvendando o duplo de cada homem, na impressão do realismo dentro do irreal. Os cenários são repletos de pavor da morte. Onde mergulha no lado desconhecido das ansiedades da alma, o que faz de Plauto Araújo, um alucinado pelos mistérios da Imaginação Humana.

Frank Dalto

LUTA INTERIOR

(Crônica da ânsia)

Plauto Araújo
Rua Padre. Odécio
Bela Cruz - Ceará
Cep: 62570-000

E-mail: plauto_0406@hotmail.com

LUTA INTERIOR

(Crônica da ânsia)

Por

José Plauto Araújo

São Luis

2007

Editora Visões do Ulai

Copyright © 2007 by Plauto Araújo

A658C
ARAÚJO, José Plauto.
Luta Interior / Plauto Araújo. Editora Visões do Ulai. São Luis – MA; 2007.

1. literatura 2. Poesias I Título
58p. CDD: 800

SUMÁRIO

2- Sumário
3- Dedicatória
4- Preposição
5- Prefácio
6- Legado
7- Invocação
8- Frustrado
9- Adúltero
10- Tentação
11- Exílio
12- Desejo
13- Provações
14- Atribulado
15- Inimigo
16- Ágape
17- Solitário
18- Luz d'alma
19-Rebeldes
20-Confesso
21-Luta
22-Tédio
23-Súplica
24-Cães ou Cidadãos
25-Apressado
26-Olins
27-Homem
28-Indignado
29-Núpcias lunar
30-Fada
31-Vida
32-Alugado
33-Queixas
34-Jesus
35-Ocaso
36-Morte
37-Barreiras
38-Rogos
39-Esperando
40-Vagabundo
41-Deserto
42-Juízo
43-Injustiça
44-Cães Noturnos
45-Solidão
46-Propriedades
47-Arrebatamento
48-Reconciliação
49-Nojento
50-Beleza
51-Fantasias
52-Privações
53-Lascívia
54-Máquina
55-Em ti navego
56-Obras do Autor

DEDICATÓRIA

Ao grande amigo e filósofo, Manuel Macedo Araújo.
Aos meus colegas de universidade.
Aos meus filhos, minha paciente esposa e a Lala.
Aos meus conterrâneos e amigos.
E a Jesus Cristo, meu companheiro.

O Autor.

PREPOSIÇÃO

Observando o nosso íntimo somos surpreendidos pelas lutas que são travadas, nosso impulso-animal insaciável faz guerra continuamente ao nosso espírito dentro do raciocínio que repulsa tais apelos de ânsia carnal.

Foi por esta visão de sondagem que me propus analisar os reflexos do homem animal convivendo junto com o homem espiritual.

Cousa esta que se déssemos ouvido às vozes que se levantam do animal que mora dentro de cada um de nós, seríamos como bestas selvagens em seus instintos carnais desprovido do senso humano.

Por outro lado o espírito é como uma válvula de retenção, para frear esses desejos que certamente são gozos para a carne mas que trazem conseqüências amargosas para o homem espírito que é de cima e não se satisfaz cedendo aos apelos carnais.

Acreditando que também será uma alerta aos meus leitores que como eu, têm os mesmos problemas que devem ser controlados ou então pagaremos o preço de nossa falta de domínio próprio.

Nessa convicção escrevo

PLAUTO ARAÚJO

PASSAGEM

Cheguei aqui chorando
Pois havia perdido meu berço
Vi na cara dos presentes
A hipocrisia estampada
Perdi minha identidade nata
Quando dei um sorriso disfarçado
Tal cão sem dentes
Não mordi ninguém
Mais sabia que, mereciam
Pois estava no meio de inimigos
Morro agora e ouço o choro dos fariseus
Que nunca me deram honra
Mesmo assim, afirmam
Que fui seu amigo

Meu legado

PRÉFÁCIO

A paz é uma das sensações mais desejada pelo homem, é nessa ótica que nosso escritor se dedica quando vem nos falar em "Luta Interior" das incessantes guerras pessoais, que todo ser humano conhece bem de perto, isto é patente a todos que se auto-analisa e faz uma sondagem sincera de seu eu.

Pelo que o autor nos faz ver, ficamos convencidos que é uma realidade uma peleja renhida em nosso interior e sabemos que não devemos ignorar tal luta do coração no ômega da alma.

E há sempre algo que nos inquieta a consciência quando cedemos às concupiscências carnais que foram já aprovadas por nosso íntimo.

Plauto Araújo, é um literato de rara concepção que está surgindo no meio de nossa literatura contemporânea e sua aceitação está cada vez maior.

Admiro o ponto de vista, que ele traz em seus escritos o qual nos serve como uma lente ampliadora das muitas faces que a vida nos oferece.

Há muitas filosofias que nos parecem ilógicas, mas as encontradas em "**luta interior**" são patentes em muitos momentos de nossa vida.

Parabéns leitor por ter em mãos uma obra excelente e sei que vai lhe ajudar, a se conhecer melhor.

FRANK DALTO

INVOCAÇÃO

Vejo oh, Deus dentro de mim o animal que rosna querendo-me sufocar. Grunhindo em ânsias carnais.

Estremece meu homem interior, diante do lascivo instinto, que busca ao redor a carne provocante da fêmea imagem que desperta o desejo másculo. Sinto oh, Deus, as correntezas do sêmen que jorra num convite louco e animal, que tenta seduzir-me.

Arrastando-me para a sensualidade do terreno ser, o insaciável impulso do desejo, que não aceita, ser reprovado, e por isso se inquieta dentro de mim gemendo num gruno sedento por satisfazer o apetite. Luto oh, Deus, com essa fera indomável, que me avança e me provoca em minhas portas do ver e do sentir. Inibido estou com este ser irreverente ao pudor que não te respeita e me quer cegar o raciocínio, me apresentando propostas para a massa latente que me compõe o tabernáculo onde atuo.

Toma as rédeas desse monstruoso ser que te insulta o Deus, pois só Tu podes dominá-lo.

Vejo o objeto manipulado pelo animal, já velho, mas que não se entrega, mas mantêm as cargas de seus impulsos, que sempre o fogo emana, como de um muturo, diante dos quadros que lhe incendeia as paixões.

Ainda escuto o rosnar do bicho dentro de mim, como um cão selvagem em seus cios e preso no próprio ato. Acuda-me, oh, Deus, e não me deixes em minhas próprias forças lutando com este libidinoso homem.

HOMEM FRUSTRADO

Animal de comportamentos obstinados
De cerviz dura e alma irreconciliável
Inimigo de acordo, que não abre mão de nada
Como podes viver em sociedade
Se insistes em seus maus intentos?
Se mesmo querendo algo não declaras
E quando te faço o que te agradas
Por que finges não ter gostado?
Animal difícil, este de duas patas
Que geme no escuro
Queimando na solidão o veneno,
O obscuro sentimento
Tua soberba atroz meteu em cárcere,
O ser que em ti lateja.
Te fizeste escravo
Em tuas amargas atitudes
Oprime a tua lastimosa vida
Não sabes o caminho da humildade
Nem o que é se entregar à razão
Gastas tua vida no cansaço
Por causa de tuas opiniosas decisões.
Mesmo querendo voltar
Acanhas-te o fato de te humilhar
Ainda que alguém te busque
Demonstras estar tudo bem
É um animal opulento
Que trocas o prazer pela dor
Mesmo assim és
Um masoquista frustrado.

ADÚLTERO

Como cavalos bem fartos
Levantam-se pela manhã
Rinchando, cada um
A mulher de seu companheiro
Estão adormecidos...
E não há temor
Como animais irracionais
Corrompem-se
Seguem o instinto animal
Tendo os olhos cheios de adultério
Insaciáveis, e presos em seus deleites
Fugiu deles a vergonha e o respeito
Vejo nos antros de meu ser
O mesmo instinto ameaçando
E pelejo com este vulto
Que da luz se oculta
Por trás da hipocrisia
No escuro de meu ser
Então olho e prescuto
Como sentinela fechos as portas
E assim todas janelas
Para me ocultar
De seus bruscos ataques
E não dá vazão
A todos, e tais desejos.

TENTAÇÃO

Fostes entrando por minhas portas
Querendo minar meu coração
Tua imagem provocante e crua
Sem perceber voei nessa coisa
Que de volúpia, em mim atua
Então oscilaram, meu temor e ousadia
Diante, teu quadro, quieta e muda
Até que o facho de luz me despiu
Dessa massa profana, que em mim insinua
Pois não tinha em minhas mãos
As rédeas, desse carnívoro cão
Que avança a formosura
Da fêmea, que se mostra apetitosa
Divaga nas ânsias, o bicho
Sorvendo o cheiro do prazer
O Eros de um orgasmo imaginário
Mas no lampejo da luz
O tal bruto se esconde
Acabrunhando, e não sendo atendido
Sufoca o cio
Que lateja
Em seu fluxo seminal

EXÍLIO

Vergões, cicatrizes, marcas da caminhada
Somos forçados a caminhar, temos que seguir
Fomos vendidos sem preço, somos saqueados escravos
Veja, como um carreiro, caminhamos em fila e forçados
Estamos todos despidos, todos vêem nossas vergonhas
Quem vigia nossas dores? Quem ouve nossos rogos?
Estamos nesse tabernáculo, por isso gememos
Nossa carne recebe os acoites e nossa alma as dores
Pequei...pecamos, todos nós fomos abandonados
Faltou-nos a prudência, faltou-nos o temor
Fomos rebeldes, por isso estamos sem força
Tudo porque não valorizamos nossas leis
Nossos profetas, bem que nos ensinaram
Oh Deus, restaura-nos oh senhor perdoa-nos
Somos teu povo, tua herança, teus redimidos
Se te calares agora todos nós seremos destruídos
Perdemos o tino, somos, como quem não se governa
Somos tratados como objetos e assim manipulados
Veja nossa miséria, nossos vexames não te são ocultos
Por amor de teu nome, resgata-nos, estamos em apuros
Não te detenhas, apressa em nos acudir
Pois estamos aflitos e em nossas cargas
Lembra que por nós pagaste um alto preço
Nós não temos mais forças, estamos sendo arrastados
Agora Senhor, vem em nosso socorro nós te pedimos
Ainda que falhamos, mas nós te amamos
Não te esquecemos, no mais, somos teus.

DESEJO

Se deste impulso
Tivesse as rédeas
E nessas rédeas, a força
De te conteres
Não pensaria na derrota
Que me arrasta
À prática desse louco desejo
Mas de ti, não tenho tais rédeas
Antes sou eu mesmo as rédeas
Por onde o louco desejo me domina
E nesse bruto gosto
Vejo todos os meus desatinos
E em lamentos mudos
Está meu ser sisudo
Que me incrimina
Sem eu ter argumentos
Calo, dentre a mina
Dói meus sentimentos
De amargura e solidão
Chora minha'alma
No peito, o coração
Por não ter a calma
Deste bicho louco e cruel
Que não se pode com as mãos
Acabar seu imundo papel
Cometendo aos irmãos
As obras do infiel
Dando uma louca imagem
De um ser sem coração
Que não sabe,
Ser cristão.

PROVAÇÕES

Faz tempo, já faz muito tempo
Que ando no deserto, sem ver meu anelo
Sem água, sem luz, sem entender
À que me levará este caminho
Falta-me as forças, o ânimo esmorece
Faz tempo, faz muito tempo
Que tu me fizestes ver que eu seria
Esfregado, pisado...
Quando eu estivesse zonzo, me levantarias
Por ventura não estou contemplando tudo isto?
E tu, porque suportas ver calado meu fim?
De tanta aflição, falo o que não me convém
Não frustres meu anelo pois nele me apoio
Ainda que sinto, que me lacraste
No meio dessas águas e me mexeste
Como quem mexe algo no caldeirão
Zonzo estou, que nem consigo harmonizar meus...
Meus pensamentos, nem meus planos
Orar! Como? Se não consigo nem me aquietar,
Nem concentrar-me, enquanto de joelho estou.
Lê a palavra, também não posso.
Meu cérebro ferve e agonizando está
Sim, tudo é verdade
Cumpriu-se o que me fizeste ver
Por teu ungido me provaste
Minha companhia enfadada, não me ajuda
Estou registrando para eu ver
Que fim terá este sufoco que vivo
Pois como um pauzinho sou levado
Nas correntezas desse impetuoso rio
Que me leva ao imenso mar

ATRIBULADO

Realmente arde, arde minhas entranhas
Meus lombos...sinto gastura,
O amargor de fel me possui
Quebrantado e muito abatido
Ando cambaleando
Sem morada certa e sem ambiente
De repente foi destruída,
Da minha tenda, a paz
E rasgada, as cortinas de minha reputação
Eu, tu sabes, porque me sobreveio isto.
Eu fiz, e tu não me deixastes partir impune.
Na verdade estou cercado
Como multidões de abelhas me cercam
Estou em perigo, pois há falsos irmãos
São muitos os que me espreitam
E muitos que me evitam
Quisera eu poder chorar,
Mas, até das lágrimas estou privado
Aqui estou
Pois me assentastes em lugares tenebrosos
Ando nas trevas, já não sei o que me aguarda
Oh! Minha esperança
Não te cales a meu respeito
Pois tenho sentido tédio constante
Suspirando por teu socorro
Meu Deus! Não frustres a minha esperança
Por ventura, se alegarão sempre?
E eu, apenas terei de chorar?
Olhas minha dor, comove-te por mim
Antes, que pereço em minhas agonias.

INIMIGO

Donde me vem este?
Guia cego, dos cegos de minha terra
Me parece...um impostor
Do que culto orador, ou pastor
Vendo suas origens, conhecendo suas raízes
Melhor se entende a peça
Provém da cidade rival
Que sempre contende a minha
Não podendo com as forças
Disfarçado em padre me vens
Destruindo nossa história
Removendo a beleza e a memória
Do santuário, despe as glórias
Como rival implacável e destruidor
Profanando o lugar sagrado, que horror
Removendo o mosaico histórico
Do barroco, a decoração, tudo corrói
Não tem respeito a nada e tudo destrói
E com fúria, a tudo lança ao chão
Não se conforma em fazer sozinho a destruição
Despoja os incáuquitos, recebe contribuição
Para desarraigar a glória de sua religião
Desconhece as fadigas dos comboios de jumentos
Que sofriam em busca da cal e do cimento tão distante,
Que em tempos difíceis se fez a construção
Não reparou na aflição, de quem cruza os sertões
Com suor, lágrimas e sangue nas mãos
Buscando através destes sofrimentos, o pão
Mas, conformados em fazerem
O templo dos irmãos

ÁGAPE

Não consigo entender
Este amor, que jorra como fonte cristalina
De ti meu amado cândido de meu ser
Não sei o que vistes em mim
Para me dedicares tão grande amor
Que veres em mim, que te agradas?
Sou um milagre de tuas mãos
Uma alma, fizeste-me para te amar,
Mas eu não sou o que devia ser
Não sou grato, pois te ofendi muitas vezes
Encontraste-me nas trevas e me acolheu
Deste-me um lar, teu amparo acolhedor,
Mesmo assim tenho sido ingrato
Só Tu me amaste assim
Recebeste-me com ternura
Quando angustiado, andava eu
Deste-me amor, sem ter nada a Ti ofertar.
Apenas vejo, que é por amar-me,
Que me fizeste tudo isto
Agora todo meu louvor a ti procurarei entregar
Quero ser-te grato, a ti cantar
Minha vida, a ti ofertar
Pois em caminhos de perdições, andava eu
Quando a vida em mim perdeu o sentido
Tu chegaste e mudou meu curso de viver
Agora quero só pra ti viver
Minha alma a ti consagrar
Não quero mais, andar sem ti
Então Senhor, inclina
Meu coração só pra ti.

SOLITÁRIO

Estava só e a ansiedade me armava tédios
A beleza daquele lago, me fazia mais desejar
Um vazio me importunava sem cessar
E uma solidão me torturava os pensamentos
Até que meus olhos alcançaram aqueles pássaros
Que voavam até meus olhos não mais vê-los
Depois voltavam, como me convidando
A acompanhá-los em seus destinos
Seu cantar convidativo me levou e voei
Voei, voei com eles e não me sentia só
Senti a liberdade dominar minh'alma
A aragem fresca e suavizante
Chegou ao meu coração, senti a mão de meu pai
A sustentar-me, aconchegando–me.
Conduziu-me a uma paz profunda
Então cantei seu amor, seu perdão
Entendi meu pesar e falei
Falei, mesmo que Ele nada me perguntou.
E afagou-me com um abraço amigo
Consolou-me, do meu pranto apertado.
Deu-me segurança mostrou-me seu amor
E em meu peito, senti sua presença
E entendi que a coisa que mais precisava
Era ser aceito como filho em seu redil
Desfrutar de sua comunhão, do seu amor
Sua misericórdia me aquietou
E descansei em seu tabernáculo
Como filho amado que sou.

LUZ DA ALMA

Como selo autêntico e reconciliável
Onde não há quem recuse
Aprovado pelos que te vêem
Aplaudido pelos que te conhecem
Tu és a marca do céu, és o sol de nossas aflições
Ilumina-nos, Jesus. Tu és a rocha,
Nosso refúgio, nas perseguições
Refrigério da alma, na dor
Cheio de bondade, mansidão e caridade
És nosso amigo, nosso amigo do céu
Selo de nossa confiança e garantia
Tu és o caminho do céu
Ilumina-nos Jesus, ilumina-nos
Vem suavizar – nos em nossas dores
Como bálsamo e óleo fresco
Vem ungir nossas feridas
Com teu odre de azeite cristalino
Vem derramar em nossas feridas
Queremos ser cheios de teu espírito
Queremos te contemplar em tua formosura
Ver tua majestade, teu esplendor
Ilumina-nos Jesus, ilumina-nos
Amparo dos aflitos, de meu povo
Cordeiro santo, de meu Deus
Estrela de minha alvorada
Meu sol, da manhã de minha vida
És a alva, luz dos peregrinos
Ilumina-nos Jesus, ilumina-nos.

REBELDES

Manso e tranqüilo.
Tu chegaste para mim.
Falaste, benignamente ao meu coração.
Me falaste de paz, mostrou-me amizade.
Confortou-me o coração.
Que angustiado e cansado se achava.
Ver de olhos compassivos, só tu me olhaste.
Verdade é, que não merecia tão grande compaixão.
Pois há muito te tenho rejeitado.
Duramente rejeitei teu amor de pai.
Dei de ombros e teimoso me afastei.
E me cheguei àquilo que te fazia sofrer.
Realmente agi como irracional.
Cegamente abandonei quem me amava.
Mesmo nas minhas rebeliões.
Agora, estou como quem é despertado do sono.
E me esmorece, levantar a ti meus olhos.
Some meu ânimo de aceitar.
Que te fiz em meus destinos.
Mas seu amor por mim superabundou
Aponto de eu mesmo desprezar
Como nada o que te fiz
Pois me fizeste promessas animadoras
Que despertou meu amor por ti
E sei que devo amá-lo
Pois zelou, para manter seu amor por mim.

CONFESSO

Não sei nem por onde começar
A confessar minhas ingratidões
Mediante o teu cuidado por mim
Pois sei que durante o tempo todo
Cuidaste com ternura de minhas dores
E das ansiedades de minha alma
Dando-me paz e sossego
Em minhas horas de apertos e de perturbações
Nunca me desamparaste
Nem me deixou a mercê dos acontecimentos
Na verdade tens cuidado de mim
Mesmo em minhas horas de rebeliões
Não me tratou segundo os meus pecados
Nem me lançou em rosto meus desatinos
A tua misericórdia foi minha proteção
Bem sei que tua bondade me preservou
Muitos me olham
E se admiram do bem que me fizeste
E sabem que não mereço
Tu és maravilhoso, um bom amigo
Estavas presente em toda aflição que suportei pelo teu nome
Verdade é Senhor, que nos ama.
Agora, que darei como gratidão?
O que é que eu tenho que te agrada?
Pois não vejo nada em mim que preste
Fico atônito com este teu cuidado
Por um ser que só te dá vexames
Só posso dizer-te muito obrigado
Por teres me feito bem, enquanto só merecia ser castigado.
Obrigado Jesus, obrigado meu Deus.

TÉDIO

O tempo se abrevia.
Na ansiosa espera.
No coração, o desgosto.
A partida, o afastasse.
Deixando atrás, saudades.
Lembranças das calmas horas.
Momentos...Que ficaram.
Guardados na lembrança.
Memória...
Alma do melancólico.
Vejo o horizonte.
Lá onde, o mar beija o céu.
O sol que se apressa.
Mergulha...
Suicida decisão.
Sol, que não mais brilha.
Deixando manchada de sangue.
Nuvens da tarde.
Enquanto o funeral do astro rei.
Continua...
Vejo a imagem nua da vida inquieta.
Dos grãos das dunas.
Que são tangidos por um vento.
Que os obriga a correr.
E nessa viagem fúnebre...
Ouço o teu convite.
Vamos,
Está escurecendo.

LUTA

Entre os anelos do humano ser.
Vi a guerra pela tal satisfação
Que de muitas faces nos vem
E existe aquela, que satisfaz a uns
Que a nós seria aborrecimento
A ganância do homem capitalista
O obriga, correr atrás de mais
Coisa esta, que aos poetas, é aborrecimento
Enquanto o literato, vê de um modo acurado.
Encontra em sua calma a beleza da vida.
O louco e desesperado materialista
A tudo isto acha passatempo de vadios
A arte de observar os detalhes da vida
É todo gozo do estético, o deliciar
Nisso ele vive enquanto o insensível
Animal humano enfadado passa,
Sem tempo de viver
O avaro e mesquinho, busca mais enfado.
Para tal desventurado não há repouso
Toda sua vida é gasta nas fadigas
Provocadas por suas loucas cobiças
Pesado jugo carregará até o fim
Pelo que vi os poetas são os fiscais
Os gananciosos, os escravos
Nas inquietações do tolo
Vejo minha sabedoria e paz
E sei que cedo ou tarde
Tal sujeito será despido de seus pertences
Então me pergunto, para que tanta luta?
Se cedo ou tarde eu tenho o mesmo fim?
Concluo a isto, que vou apenas observar
E vê que satisfação terei.

SÚPLICA

Vejo minhas necessidades de ti
Mas não tenho força de te buscar
Querer quero... Mas falta-me a ação
O incentivo que me move a teus pés
Visão e temor me faltam na jornada
A confiança diminuiu nas esperas
Por causa de meu delito esmoreceu
Minha' alma diante de tua santidade
Mostra-me teu favor e me restitui
O vigor de tua presença e poder me satisfaz.
Que farei sem tua ajuda e amparo?
O que meu braço pode fazer por mim?
Não me deixes só agora nem nunca
Pois sem ti, sou um derrotado ser.
Que geme sem consolo e sem esperança
Não deixe que zombem de mim, os ímpios
Restaura minhas forças, dá-me novo alento.
Levanta meu ânimo e aumenta minha fé
Dá-me motivo de gozo na luta da igreja
Faz que os corações dos irmãos se voltem
Ao amor fraternal e a um espírito unificado
Que haja valorização por nossos semelhantes
E preocupação pelas causas do corpo de Cristo
E exista um mover pelos dispersos do rebanho
Põe fim ao desprezo e acepção das pessoas
Que a compaixão flua de nosso peito
Como um rio que lava e leva toda sujeira
Deixando atrás a fertilidade do solo
Preciso, precisamos de um renovo agora
De tua intervenção em nosso viver
Por isso venha, venha logo, meu Deus.

CÃES OU CIDADÃOS?

Rolam as ondas sobre as vidas.
Da miséria, que gera a violência.
Das irresponsabilidades dos governantes,
Que se fabrica os marginais despidos de cidadania
Presos no sistema, que nós mesmos elegemos
Confiamos a mordomia de nossos bens...
A homens gananciosos, que não reconhecem,
Seus verdadeiros donos
E uma vez no poder de nossos bens
Humilha-nos com salários míseros
Vituperando-nos com desemprego,
Enquanto isso nos leva ao terror
E tememos reclamar o que é nosso.
Despiram-nos de nossas razões
Ao ponto de achá-los, que são bonzinhos
Enquanto nos dão miséria e fome em recompensa.
Nossos jovens desiludidos já não querem estudar
O desrespeito e a falta da moral
Abandonou a todos em geral.
A alienação, dando passos longos, avança
Deixando atrás de si a cegueira
Que nos tira o valor e nos afogam, na sarjeta das favelas.
E não sabemos se ainda somos cidadãos
Ou bichos levados às urnas de uma nova eleição.
Mesmo assim, brigamos por estes marginais.
Sentimos honrados, quando nos visitam
Em períodos eleitorais.
Mesmo que depois, somem de vez
Na verdade elegemos nossa vergonha e derrota
Somos os mais culpados de vivermos
Como cães, na cidade.

APRESSADO

Veja que não posso esperar
Pois se espero, perco a vida
E esta me escorre nas correntezas do tempo
Minhas forças, meus impulsos
Todo meu vigor diminui
Por isso não posso esperar
Afinal minha vida não tem reprise
Só tenho uma chance
Se me escapa perco os bons momentos
Que na vida tenho
Não me deixes envelhecer nas esperas
Mas me ponhas
Dentro das vontades vividas
E não nos desejos apenas esperados
Se não morrerei na ânsia desse viver
Quero meu anelo
Concretizado agora.
Se perco o apetite
Pelas satisfações da vida,
Que me importa morrer
Ou tampouco viver?
Mas se desta vida
Ainda posso ter o prazer,
Quero, quero agora.
Minhas satisfações viver.

OLINS

Em meu coração domina o desejo de voltar.
Estou envolto do sentimento dos olins
Quero pisar em meu próprio solo
Sentir-me na minha eretz
Meu coração palpita as delícias de ti
Meu riso acelera por tais sentimentos
Contemplar tuas várias faces
Ver meu povo e saltar como os unicórnios
Levantar meu ser às tuas pelejas
Respirar fundo e aliviado
Sentir-me seguro dentre os teus muros
Contemplar todas as tuas glórias
Ao longo deste imenso rio da vida
De teus frutos saciar-me
E na mesa do banquete
Sentar-me ao teu lado, à ceia,
De nossas bodas sagradas.
Ver os milhares de teus filhos
À tua roda estar, ver tua formosura
Descansar de meus temores
Tomar o vinho que foi guardado para nós
Enquanto contemplo a face dos vencedores
O brilho dos rostos de teus redimidos
Mergulhar no prefeito e ver-me como tal
Cantar o cântico do cordeiro
Em triunfal gozo e paz
E no teu majestoso reino
Entrar como um que reina também
Sobre todas as nações
No milenial poder.

HOMEM

Observei enquanto o bicho juntava
O suor lhe escorria pela face
O enfado em todo tempo era um companheiro
Esqueceu que sua luta era vã
Ou ignorou o quadro dos fins dos dias
Ali viveu sob o gemer de seus anseios
Nunca indagou, para quem ajunto?
Certamente sabia que um dia
Teria de deixar a outro toda sua economia
De muitas coisas se privou de gozar
Mesmo assim não parou em suas pelejas
Oprimiu os mais fracos
Tomando seus direitos
Friamente viveu em suas injustiças
Retendo enquanto podia
O jornal de seus ceifeiros
Não teve piedade do chorar de seus empregados
Da magreza e nudez de seus filhos
Animal indomável este de nome humano
Sendo vertical, não sabe olhar para cima
Nem em suas misérias, quando anda cabisbaixo
Anda entorpecido pela cobiça
Cego ficou seu raciocínio, nada entende
Perdeu o domínio de si
Entregou-se a trabalhos loucos
Vencido pela insensibilidade
Não percebeu que seu tempo
Havia escoado e agora calado
Desce à cova sem levar nada.

INDIGNADO

De fel, no amargoso gosto
É construído o viver dos indigentes
Seus dias são gastos na miséria
Em seus corações não há força
E sua esperança oscila
Nos seus rostos não há riso
De mente fechada, qual muro ao redor
Tais seres estão presos
Em seus íntimos cárceres
A inferiodade lhes esbofeteia a face
Estão sob seus próprios jugos
Que eles mesmo fabricaram
Pobres criaturas, são cegas
Por isso não vêem a porta de saída
Não podem mais raciocinar
Não acreditam mais em si mesmas
Seus caminhos estão embaçados
Não enxergam nenhuma alternativa
Estão cabisbaixas, em seus desenganos
Se recusam olhar para cima
Se acanham olhar nos olhos
Dos que estão fora de seus grupos
Mesmo ainda tão jovens
Se entregaram ao desânimo
Andam sem rumo,
Remoem suas dores
Estão concentradas em suas desgraças

NÚPCIA LUNAR

Vejo no céu de rosto doirado,
Bela e calada, de olhar apaixonada
De lábios provocantes, te mostras radiante
Ergo as mãos, tendo tocar minha amante
Então, entre nuvens se escondes com pressa
Enquanto confusa tua imagem aparece
Transcorrendo, nesse longo espaço celeste
E em suspiros, de tua roupa se despe
No meio desse transe, leve aparece
Toda elegante, te mostras amante
Nas calmas horas da madrugada
Deito ao teu lado, oh minha amada
Leito macio... Deslizas entre mechas
Tua cabeça, reclinas nos montes
Enquanto demente, teu corpo mexe
Vejo teu percurso findar no horizonte
E subo a cada um, dos teus encantos
E vais ao além, sumindo no céu
Enquanto contemplo teu áureo véu
De teus últimos raios, soltos ao léu
Ouço o cantar, de tua despedida
Oh, como te desejo, minha querida
E logo escurece, enquanto tu desces
No som prateado, tua luz na areia
És minha amada que repousas calada
Te aprecio, enquanto tu somes oh, lua cheia.

FADA

Oh, graciosa entre as mulheres
Encanto, que fascinou meus olhos.
Bem sei que és aprazível,
Qual arte da natureza divina
Onde se vê a nobre beleza.
Permita-me descrever-te.
Dentro da estética dos poetas.
Falta-me expressões para dizer
Aquilo que meus olhos vêem,
Pois meu coração não comporta
As palavras, que minhas visões
Alcançaram em ti.
Agora quais águas presas,
Latejam em mim, As comportas,
Da fonte, da tua beleza.
Como descrever teus ondiosos traços?
Ou como expressar as artes
Que em ti, foram lapidadas
Pelo mestre divino e pai da natureza?
Não sei nem por onde começar a ti compor
Se pelas torres que te sustentam
Ou se pela glória que está em tua cabeça
Talvez nem saiba eu falar
De teus rubicundos lábios
Nem da graça e brilhos de teus olhos
Ai, dói às comportas de meu coração
Por não poder sangrar com palavras Poéticas
Todas estas tuas distinções.

VIDA

Oval, curvas do destino
Margens esquecidas, do ocaso
Sol em declínio, tinge minha dor
O clarão dos espaços, somem
Dentro da noite, o tédio
Invade minh'alma, que suspira pelo amanhecer
Oval das ondas, oval das curvas
Que arrastam, o velho
Tempo da saudade, da despedida
Morre o poeta, entre as linhas que escreve
No meditar, somem os semblantes nédios
Morte do nada, que vem em direções indesejáveis
Do homem, que voa ao infinito
Oval das ondas, que arrastam o corpo
À praia do entardecer, da vida humana
Estremece o coração, em pulsos, do medo cruel
Que acelera, o bater constante
Das ondas, nas duras vidas...pedras
Lodosas rochas, que lutam por permanecerem
O ancião, o tempo, esvai o vigor
Do homem mortal, que lampeja
Nas pupilas do assombrado ser, que geme.
Me arrastam, as ondas do tempo
Das nuvens, das águas revoltosas
Contra minha vida, que some no horizonte
Em busca de um sol, que se foi.

ALUGADO

Quando esperei, meu tempo de agir
Meu tempo havia acabado
Passei meus dias esperando
Algo que não pude realizar
Foram planos e sonhos
E esta foi a razão
De eu nunca ter vivido
Gastei os dias de minhas peregrinações
Realizando objetivos não meus
Passei minhas andanças
Nos caminhos dos outros
Poucas e cansadas
Foram as horas que me sobraram
Era apenas um objeto alugado
E nunca havia percebido
Que por um mísero salário
Havia me vendido
Vivi debaixo de um jugo
Pensando ser um cidadão livre
E sabes por quê?
Porque trabalhava, era um empregado
Vendi o tempo, que eu deveria ter vivido
Gastei minhas forças
No serviço dos outros
E é por isso que continuo
Com sonhos e planos
Não realizamos.

QUEIXAS

Ouvi os murmúrios de minh'alma
Quando saudosa suplicava
Senti suas ansiedades de voltar
Seu ardente desejo, de estar com Deus
O vazio tenebroso do íntimo, inquietava
Saudade do lar, saudade de Sião
Senti o desamparo de meu ser, o abandono
Busquei amigos, que me consolassem
E não achei nenhum
Vagou meus pensamentos
Em busca de algo, que me animasse,
A suportar o resto do tempo
Que ainda terei de ficar esperando
Medíocre é o tempo, que me rodeia
Solidão domina em meu caminhar
Verdade é, que não estou só
Mas parece, que sou ignorado
Ou...talvez minha visão,
Não alcança meus companheiros
Pára o tempo, uma monotonia domina as horas
Senti a dor, dos que irão ficar
Roguei, para não ser esquecido
Neste terrível dia que está para chegar
Em que muitos serão deixados, na ânsia
Gelou-me, fez-me um vácuo em meu interior
Em só pensar, em ser esquecido
Ponderei, em meus caminhos
Averigüei, meus passos e consolei-me dizendo-me,
É saudade, saudades, saudade de meu Deus.

JESUS

Vem, oh vento celeste
Que vagas como minh'alma,
Excelso Espírito Santo que jorra qual fonte do alto
Vem ensopar-me, como terra sedenta
Vem mais esta vez, como Sansão rogo,
Pois a noite vem chegando
Oh, minha luz, meu sol volta-te
Anseio tua claridade
Assombra-me pensar na escuridão
Labirinto de perdidos destinos
De seres tolos e rebeldes
Mas eu suplico teu frescor
Oh, suave rio que escorre por humildes caminhos
Do peito, leito que deságua
Que refrigera a alma do aflito
Que chora, que roga, que geme
Em lugares ocultos, do mundo acusador
Que ao peregrino insulta
Mas venha logo, meu desejado,
Que aguardo do alto, do céu
Rasga-te céu infinito
E devolve aos que gemem, o consolador,
Envia-nos Jesus, o amado de minh'alma,
Oh, nuvens santas de anjos
Corteja aquele que é excelso
Abrem-se todos os túmulos
E devolvam seus mortos, haja ressurreição
Exultem os céus, venha o Rei.
Aleluia...Aleluia, Maranata.

OCASO

Descamba no horizonte
Um sol cansado e pálido
Tingindo de sangue todo firmamento
Despede um dia que nunca voltará
Pássaros, em vôos cansados fogem
Buscam refúgio, na noite que se aproxima
Minh'alma vagueia por entre os linhos
Ouço a cantar do vento
Soprando nos galhos dos cipestres.
Um zunido murmurante, nos espaços
Como a voz das velhas agourentas
Calam os martelos, exaustos
Nas mãos vacilantes dos obreiros
Páram os esforços do vigor
Foge a luz, dando lugar as trevas
A velha tarde cansada se entrega à noite
Em sentimentos melancólicos, voam os pensamentos
Ficam as marcas, cicatrizes do tempo
Pela correnteza, das caladas horas
O vazio, todavia presente está
Torturados, são galhos secos
E jogados pelo chão
Ceifados são folhas
Que insistem em ficar nas árvores
Assim quais nossas vidas, somos arrebatados
Ouço o grito mudo do meu peito
Dor que faz enrugar
Peles de meus olhos
Que buscam ver
Meu destino.

MORTE

Passou sobre meu ser
Gelou-me as mãos um ser tenebroso
Como uma brisa gélida
Que veio em minha face
Como o recado do além
Seria o meu dia?
Ou apenas, meu medo,
Bem sei que tu virás
Vento fúnebre, que ameaça
Se me despes agora
Onde me ocultará o corpo?
Não vês, que me assombras
Indesejável dos mortais
Vejo de contínuo a vida
E nessa ótica sigo, a beleza me cerca
E alegre, eu canto, voam minhas fantasias
Criando o que componho
Meu coração folga
Em deliciar o belo
Por que hei de lamentar?
Se vejo tudo muito bem
Sonha minh'alma
Pois serás sempre feliz
Vive este sol
Antes que ele se ponha
Pois a eternidade cala
Todos os nossos sonhos.

BARREIRAS

Vejo no horizonte
A barreira dos insensatos
Que não sabem criar,
Seus ideais de avanços
Pois no fundo do poço
Ainda existe um escape
Uma porta aberta que a todos livrará
No fundo da alma dos que não partiram
O ardente anseio domina
Pois aonde ou onde existe a dúvida
Não espere que o dia amanheça
Saia de seu escuro lugar, manifeste ao povo
Teu recado inédito, quem sabe, liberdade
Tuas asas te elevam agora
E sumas em busca, de uma luz distante.
Que a aurora espera
Oh, cândido, de minh'alma
Se me despertas agora
Agora acordarei os anjos
Elevarei minha voz humana
Em louvor por tua misericórdia
Mas a fé alcança o infinito lugar
Onde tua glória está
Acorda minh'alma agora
Quero sem demora
Ver tua luz
Oh, meu amado Jesus.

ROGOS

Quão doce é citar teu nome
Como favos de mel é teu sabor singular
Delícia de todos os santos
Magnífico é teu ser glorioso
Desejo de minha vida é te encontrar,
E te falar
Como anseia por ti tua noiva
És maravilhoso teu semblante
Treme minha carne por tua voz
Como é animador te encontrar
Meu coração te deseja
Gozo sente todos que te encontram
Faz meu amado, que te busquem
Os que te conhecem
Pois já sabemos que és bom
Não nos deixe afastado traz-nos a teus pés
Te anelamos, carecemos de ti
Renova nosso amor por ti
Fomos ingratos, mas, perdoa-nos
Nós te rogamos veja que já é tempo
De estarmos preparados
Para te receber de volta
Não desprezes agora nossa dor
Ainda que sabemos, quão maus somos
Por amor de teu nome
Recebe-nos, acolhe-nos
Pois nós queremos voltar.

ESPERANDO

Espero continuar em ti
Já me abandonei em ti, aguardando o que virá
Me acho na ânsia, do que ocorrerá
Forças me faltam, inspiração também
Relutando em íntima dor aguardo,
Algo a me animar e me dar alento
A fim de te seguir nesse caminhar
Não sei por que ainda não cumpriste
Os anseios de meu coração inquieto
Pois muitíssimas vezes já clamei
Vês como me deixaste?
Estou despido de minha glória
Empurrado ao desprezo
Contemplo meu triste estado
Não sei até quando isto durará
Sou tratado como rebelde,
Ou como quem foge da responsabilidade
Como um caído, sou olhado
Verdade é, que me sinto atropelado
Senhor, a saudade de ti me inquieta
Contra mim corrói esse ácido
Que em meu íntimo se fabrica
Enquanto se angustia minh'alma
O desassossego me dominou
Invadindo de anelos, meu peito
Ao ver meu espírito cambaleando
E nessa espera, digo com profunda dor
Senhor, quando virá me resgatar?.

VAGABUNDO

Vagas, qual alma vaga
Por que não te aquietas
Vazia alma sedenta
De um peito, vazio imenso
Sobe ao céu teu pensamento
Como pássaro agourento
Que em tédio anseia, no tempo
Assim tu choras teu pranto
Enquanto a ti mesma quebrantas
Oh, alma, por que não cantas?
Enquanto tua voz vagueia
Nos sentimentos que em ti vozeia
Voando sai tua dor qual arte do trovador
Tu mesma te embelezarás
Ouvindo sua voz cantar, sumirá teu pesar
Como ventos acres subindo
Vês no além surgindo
Um sol convidativo a sonhar
Enquanto tu mesma esqueces
Aquilo que em ti padece
A dor que te esmorece
A ti não deixará saudades
E nunca tua ansiedade
Te levarás ao porto seguro
Antes em teus pesares
Terás um rosto triste e duro
Em vez de ser risonho
Qual noite de luares.

DESERTO

Terra árida e pelada, nua e calada
Oh, Senhor, vem guiar-me
Pois nos falta a direção, necessitamos de água
Mas estamos, com quem,
Já está farto do mesmo desejo
Pois recusamos beber desta
Que nos é oferecida por ti
Enfada-nos olhar o deserto
Estamos esperando, o que ocorrerá
Deus e Senhor, que faremos?
Sinto-me amarrado e cego,
Nesta pelada terra e tu, Senhor, até quando?
Torna fértil esta terra nós te rogamos, ouve-nos
Isolaste-nos dos povos
E somos privados de dar-lhes,
A mensagem que nos incumbistes
Pecamos e não confessamos
Dai-nos Senhor, arrependimento.
E choraremos nossas misérias
Renova-nos e teremos vigor
Terra longa e incompreensiva
Quem entenderá, ou enxergará os tropeços
De tua escura entrada?
Oh Deus, ilumina-nos.
Revela o que nos acontece
O que faremos para vencer,
A jornada, nesta terra pelada?

JUÍZO

Ouço o lamento da brisa
Que murmura entre as folhagens
O som saudoso que ecoa
Do profundo ser que geme
Numa despedida eterna ao além
Sons melancólicos, que turvam
A angustiada sombra de um mortal
Numa ida sem volta vejo o tempo que escorre
Quais correntezas de águas
Arrastando ébrios sentimentos
De uma nota tediosa, que some
Em busca de algo, sem explicação
De um nó, no apertado peito
Vai lastimoso eco humano
Que vagas em busca de consolo
De um invisível ser que a nós observa
Nossos movimentos falsos
Desse insaciável animal de corpo,
Alma e espírito
Que se assombra da morte
Que tem o infortúnio por vir
De uma vida obscura mais esperada
Que se esconde entre os sentimentos
Desta maçã proibida, comida e esquecida.
Ao qual chamamos gente
Que tem um superior que de todos os mortais
É o único a se pedir conta
Do que fez, palmilhando aqui.

INJUSTIÇA

Revolta o íntimo dos homens
Dando amargoso gosto às relações
Esfria as amizades e corta o riso
Fecha as palavras nos encontros
Separa os mais próximos companheiros
Essa desejada fada dos enganadores
Que cospe no rosto das vítimas
Enojando o hálito dos sofridos
Pondo o amargo sentimento no peito
Apodrecendo a língua e o pensamento
Provocando vômitos nos desabafos
Loucas pretensões de loucura
Essa sinistra criatura que geme
Nos meios dos covardes é a que te encontras
E te fazes padecer calado, se não as suportas, praguejas
Grunhe encerrado nas entranhas
Desse absinto gosto de juiz
Comprado ou desse puxa saco de miseráveis
Que usam da posição e faz as leis torcidas
Que beneficia apenas sua podre companheira
Que emana nas horas decepcionantes
Dos injuriados réus que assistem sem reagirem
A estas rudes sentenças das cortes
Que os chacais do fórum sorvem
Enquanto os reprimidos se afastam
Mastigando e sentindo o gosto
Desta malvada que atua fedendo
A qual por ti foi citada injustiça, injustiça
Gritas em desespero.

CÃES NOTURNOS

Serenas partes da vida nua
Olhar lascivo, que cruza a rua
São todos másculos ou instintos
Desse povo obsceno,
Carnais abutres famintos da cidade
Que não tem pudor, nem vergonha
Mirante dos desejos sodomitas
Anjos peregrinos da sarjeta
Levando consigo os perfumes do prazer
Engodando ingênuos vagabundos
Que arrastados pela cobiça
São peixes fisgados por seus apetites
Tais defuntos ambulantes
São agrupados em cada esquina, como manadas perdidas
Que rói seus dedos, enquanto espreitam
As iscas malignas, em provocantes trajes
Ébrios animais desordenados da moral
Que rondam a cidade nas escuras horas
Grunhindo em seus desejos
Sedentos por carnes humanas
Cães noturnos, que alardem no sossego
Tontos em seus passos
Entorpecido pelo desejo sensual
São como as marés cheias que invadem
Os lares e levam suas presas ingênuas e cruas
Fêmeas que se alugam pelo coito
Que insultam os de casa em suas andanças
Que só voltam quando calam seus desejos
São bestas que provocam os céus
E assim ceifados antes de envelhecerem.

SOLIDÃO

Inquieta a alma e o peito
Faz ilhar o corpo das vítimas
Que alonga as horas do tempo
Isolando os seres do mundo
Levando a inércia dos planos
Tornando os sentimentos medíocres
E a vida sem rumo
Que leva o ente, a sentir-se inútil
Dos outros inúteis mortais que faz parar o tempo
Levando à apenas, esperar
Aguçando o tímpano a escutar
Enquanto os olhos buscam em redor
O ser, o tecido vivo que lateja
Como apalpando o invisível
Sonâmbulo animal, que deseja
O encontro, o aconchego
Qual nuvem triste calada
Que não sabe expressar sua magoa
Tais seres sorvem o tempo
Debaixo do peso, desse vazio
Que ilude o nômade, a esperar
Como a morta pedra muda que não pode falar
Assim nos estaciona este sentimento
Que assombra os brutos
Tornando fracos os vencidos
Que foram encarcerados no tempo
Por uma fêmea que todos detestam
Mas que são isolados pela tal mulher
Que denominamos, Solidão.

PROPRIEDADES

Escorria diante de meus olhos
Sem que eu pudesse reter, meu vigor
Sempre lutei pra ter meu mundo
Me reservei horas, para me encontrar
Analisar, meus atos e manobras
Estive sempre sorvendo hálitos,
Iras, do iracundo ser, que rondava
Buscando inquietar minh'alma
E eu apenas perguntava,
Até quando terei de esperar?
Até quando, carregarei meus tropeços?
Por longos anos supliquei, sem obter respostas
Envelheci, enquanto esperava
E vi que aquilo que desejei
Quando consegui, não me satisfez mais
Outras coisas esperei sem contudo conseguir
Mas sei, que também não iriam me satisfazer
Nossas vidas se acabam enquanto esperamos
Enquanto apenas desejamos
Para todos, a vida é marcada só por anseios
Somente o hipócrita, diz ser alguém realizado
Pois seu coração é testemunha, o nosso também
De nossas derrotas e desapontamentos
Pois se a vida é apenas realizar algo
Deixando depois a alguém que em nada ajudou
Para que ter prazer em trabalhar?
Melhor nada fazer
Pois minhas obras
Me deixaram fadigado
E desapontado.

ARREBATAMENTO

Os trabalhadores enfadados
Anseiam, o fim da labuta
Na verdade, foi longa a noite
O enfado domina as virgens
Falta a força, o ânimo...
Estamos à meia noite
Eis o noivo despertai-vos oh, virgens
Preparai-vos, também vossas candeias
Olhai, o azeite, levantai-vos e andai
Acendei, vossas lâmpadas
Pois a hora é chegada
Conhecei, prossigais em conhecer
A vossa hora
É hora de despertar-vos do sono
De vosso enfado
Em que te tens enfadado, oh virgens?
Vosso cansaço, não provém de meu fardo,
Mas do fardo de vossas rebeliões
Pois o mal jaz a porta.
Vinde, vinde agora a vosso amado.
Eu vos aliviarei, livrá-lo-ei de vosso enfado
Veja meu estandarte, é límpido
Ainda que sejais, apenas uma flâmula
Juntas, és o esplendor da alvorada
Preparado está o banquete
Vinde, formosas as bodas
Pois vosso dia é chegado.

RECONCILIAÇÃO

Oh, Senhor a ti clamo
Veja que o inimigo, tens me afrontado
Pois se ajuntaram para me destruírem
Verdade é, que tenho dado ocasião
Mas, ainda sou teu servo
Não me deixes a mercê desses cruéis
Eles não te conhecem; senão me ajudarem agora
Certamente darão cabo de minha vida.
Como cães raivosos, me avançam
Seus intentos, são perseguir minh'alma
Mas tu Senhor até quando?
Mas sei, que já tens ouvido minha súplica
Creio na tua misericórdia
Somente em tua bondade espero
Pois sei que não mereço nada
Apenas sei, que em teu filho
Me amas com amor eterno
E não me deixarás nas mãos malfeitoras
Antes pelo teu poder me ajudarás
E verei tua face radiante a me contemplar
Por esta razão eu te louvo do íntimo
Meu coração a ti, cantará melodias
E no meu espírito de adorarei
E publicarei tuas grandes obras
Na presença daqueles que desejavam
Ver meu fim, mas contigo sou vencedor.
Por isso te louvarei com todas as minhas forças.
Obrigado meu amado, meu fiel amigo.
É por tudo isso que eu te amo
Pois cuidaste de mim e sempre cuidarás.

NOJENTO

Não sei servir
Sou um lixo para meus ombros
Lixo podre de lama, que tenho de carregar
Pelas sendas, que me levam a ti
Lixo que me escorre pelos ombros
Sujando minhas sagradas vestes
Sou horror para minha alma
Me causa terror, e estremece meu espírito
Por causa das transgressões de minha carne
Ando cansado, como de um fardo
Fraquejaram meus passos
Tropecei no escuro
Ando sem paz e sem ânimo
Falta-me as forças, para a jornada
Senhor! Tende piedade de mim
Pois teu inimigo me afrontou
Por causa de tua palavra apruma meus passos
Dá-me novo alento, pois cambaleio
Por que te inquietas, oh minh'alma?
Olha o monte, em cima, no gólgota
Oh meu amado, não me escondas a face agora
Pois careço de tua misericórdia
Anelo com extrema ansiedade teu retorno
Me acolhendo com o mesmo amor
Quebrantado estou, e de olhos vermelhos
Sou eu que não presto, para mim mesmo
Livra-me, oh Pai Santo
Dessa situação que eu enojo
Afinal sou teu filho
Resgata-me pois sou teu servo.

BELEZA

Estás no auge, de teus encantos
Mesmo assim, há um sorriso
Desconfiado e temeroso
No futuro, irás recordar
E recordando, lamentarás
De já ser passado,
Esta tua glória, que em ti está
Isto, será ao murchar tua beleza
E ninguém mais te admirar
Quando teu sol, não mais brilhar
Mas, para que olhar o futuro
Frio e embaçado?
Por que não olhar tua nobreza agora?
Se olhares, verás tua glória
Pois todos teus encantos, estão aqui
Mas, que te aproveitas, tudo isto?
Se és como a sombra, esta tua glória
Que passa, qual nuvem vazia
Afugentada pelo vento
Não deve te olhar este míope olho
Oh, mas que fazer então?
Se esta fase, é coisa vã
Se a beleza escoa por entre nossa silhueta
Diante de um espelho severo.
Qual rosa matutina bela
Que no entardecer revela
A frágil matéria
Mas há uma glória eterna
Que hei de contemplar
Além de meu ocaso.

FANTASIAS

Quando a fantasia
De nossos corações
Perdem o vigor
E nossa alma, não pode mais criar
E nosso ser, só ver a realidade
O materialismo, domina o íntimo
E os sentimentos dos sonhos
Não encontrando mais lugar se vão
A vida fica monótona, medíocre
Os bálsamos de nossas feridas
Se acabam e ardem as chagas
O lamento aparece, trazendo os dias
Em que sonhávamos, tínhamos asas
Quando nosso mundo colorido se mostrava
Em nossos vôos, viagens ilusórias
Vagando, quais rios, em nossos caminhos
Suavizando-nos a alma
Podíamos respirar fundo
Liberdade, éramos donos, da situação
Até que veio a realidade dura
Roubar nossas fantasias
De repente, fomos sacudidos, despertados
Pra não vivermos mais do ópio engano.
E assim tornarmos peças manipuladas
Nosso mundo, de utópico solveu-se
Pela mídia ou pelo meio onde atuamos
Fomos escravizados
Portanto, sonha coração
Enquanto podes.

PRIVAÇÕES

A vida,
Que nunca pude viver
Passei seus dias, esperando
Sempre fui impedido,
Dela gozar
Desejava liberdade, por isso esperneava o berço
Em gritos, queria dali sair
Mesmo assim me mantiveram preso
Quando andei, me fecharam as portas
Quando desejei amar,
Não pude, me proibiram
Quando podia gozar, me vedaram este prazer
Todos os dias, era afligido
Pelas proibições
Era escravo, dominado
A vida que me negaram viver
Passei seus dias desejando
Aquilo que nunca me aconteceu
Iludiu-me a espera
Espera, que me levou a trabalhar
Não porque gosto, mas pela remuneração
Que nunca comprou aquilo, que desejava
Antes me privou das horas que desejava
Para poder estar livre do cansaço
Mas a fadiga não me deixou viver
Antes apartou de mim
As satisfações da vida
Que por fim
Nunca foram vividas.

OBRAS DO AUTOR

LAMENTOS DA'ALMA
São Luis – 1986

IDENTIFICANDO O VERDADEIRO CRISTÃO
São Luis – 1996

QUESTIONANDO AS COISAS DO ESPÍRITO
São Luis – 1996

O PARAÍSO DE JOSÉ
São Luis – 1997

O CAMINHO DO PEREGRINAR
São Luis – 1998

VOZES MÉLICAS
São Luis – 1998

CRÔNICA DA ÂNSIA
São Luis – 1999
O ANIMAL
São Luis – 2007

VISÕES CÉLTICAS
São Luis – 2008

LASCÍVIA

Exalando o coração seus amores
Movido pela beleza, que aos olhos chegam
Caminhas pelos traços da fêmea imagem
Logo teus desejos másculos, se despertam
Levando aos teus íntimos sonhos sensuais
Ao anseio da carne excitante.
Poderias tu satisfazer tuas vontades?
Termina o vigor de teus dias
Esperando tuas satisfações concretizar
É o lema da espera, do apenas querer.
Por que não se conformar?
Em vão gastas teus dias em planos
Será que o homem
É o único bicho insaciável?
Que leva a vida num desejo, na ânsia.
Que passa seus dias na cobiça
Pobre animal queixoso, estes de duas patas
Que envelhece e enruga só a capa
Que morre nas cargas de seus impulsos
Que espera sempre sua hora de ação
Mas, que sempre acaba vencido.
Por suas tristes desilusões
Máquinas que fabrica seu próprio veneno
Que busca entorpecer a si mesmo
Gastando sua vida em projetos
Na peleja do nada
Tornando-se mero objeto
Tudo isso, vi naquele animal teimoso
Que dizia, haver de vencer.

MÁQUINAS

Pelas lutas e fadigas dos operários
Que não tinham sossego
Vi seus corpos reclamarem por paz
Em seus músculos, o férreo esforço
Por vencer mais um dia de tantos que iriam ter
Vi os últimos passos dos lutadores
Minando as forças dos cansados
Lá estavam exaustos operário e patrão
Mesmo assim, não pararam, nem questionaram.
Observei os carregadores gemendo
Sob a carga das tarefas forçadas
Por um mísero salário de fome
Sustentavam seus opressores fardos
Sem poderem resistir tal servidão,
Os miseráveis tombam sob as ameaças
Daquele que esperava misericórdia
Olhei seus passos apressados
Que competiam, por uma produção forçada
Pobres e humanas criaturas, subjugadas
De todos os seres és o que mais se lastima
E geme sobre as terras dos mortais
Como se não bastasse a luta pela vida
A morte campeia os miseráveis
A doença fustiga a carne e os ossos
Sob o acocho das opressões
Ainda existem as incompreensões, de si para si
E as desarmonias dos que com ele convivem.
Se não fossem as ilusões dos objetivos
Que animam os tais sofredores
Nem sei o que diria.

EM TI, NAVEGO.

Sorriso aberto na alvorada
Linhos e mechas matutinas
Raios, que surgem de teus olhos
Lábios do mar e doçura
Tua boca, meu cais aberto
Fartura, de tua estética compostura
Negros oceanos de teus olhos
Cardumes brancos de tuas gengivas
És radiante e bela tua nobreza
Mimosa sereia, que me encanta
Teu corpo, ondas e curvas dos mares
Em teu dorso, descansa meu barco
Nestes teus lindos montes, quero subir.
Dunas de tua beleza, ilhas desejáveis.
Que espontam, de teu busto.
Vagas de teus vales, está meu prazer.
Pelúcia de tuas torres, até aos teus pés
Pêlos que cingem todo o teu corpo
Macio é tocar em teus pólens orvalhados
Brisas dos orgasmos primitivos
Cândida fêmea que me provocas
Em me olhar, prendeste-me a alma.
Hipnotizando-me neste teu olhar.
Durma virgem, em meu leito profundo.
Tu és meu denso oceano
Em ti navego, dissertando teus traços
Oh! Imensidão de mistérios
Acolhe-me agora em teus braços
Tu és minha praia, e meu descanso.
Meu porto, meu refúgio.